

DOSSIÊ

FEMINISMOS E DECOLONIALIDADE: ACORDO INTERNACIONAL FRANÇA/BRASIL

CELEBRAÇÃO DE UM ACORDO DE COOPERAÇÃO ENTRE A UNIVERSIDADE DE PERPIGNAN E A
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Diosa te salve, Yemayá
llena eres de ashé
la babalawo sea contigo
bendita tus hijas que toman la justicia en sus manos
y bendito es el fruto de tu océano-río Oshún

Santa Yemayá
madre de diosas
consentidora de todos los amores
de todas las lenguas y enjambres de labios
de toda hembra que ama a otra mujer

Ave Purísima Yemayá
santificada por criar a nuestras hijas e hijos
y enseñarles a devolver el golpe del marido borracho
maltratador
abusador
llena eres de balas
y cuchillas
prestas para el ajusticiamiento

rueguen por nosotras los orishas
Obatalá
Orula madre y padre
los dioses del santo hermafroditismo Eleguá y los ángeles
transexuales
ahora y en la hora
de la libertad
de la desobediencia civil
de los defensores
de nuestra entrega por la patria
y nuestra bandera borincana
amén

Diosa te salve, Yemayá, de Yolanda Arroyo Pizarro¹

¹ <https://afrofeminas.com/2018/03/08/diosa-te-salve-yemaya-yolanda-arroyo-pizarro/>

Luciana Calado Deplagne

Universidade Federal da Paraíba. E-mail: lucianaeleonora@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7682-102X>

Victorien Zoungbo Lavou

Université de Perpignan. E-mail: victorien.lavou@univ-perp.fr

Elejemos a poética afroqueer da porto riquenha Yolanda Arroyo Pizarro para abrir este dossiê *Feminismos e decolonialidade*, que celebra o acordo de cooperação internacional entre a Universidade de Perpignan e a Universidade Federal da Paraíba. O poema de Yolanda Pizarro rende homenagem a Iemanjá, divindade que na cosmologia iorubá, e suas versões da diáspora, representa a Deusa Mãe e o poder das águas, cujo poder sagrado é capaz de gerar vida, nutrir e cuidar da humanidade. Na virada epistêmica e decolonial do poema/oração da autora, Iemanjá é santificada pelas marcas transgressoras e pelo seu poder de resistir às diferentes faces da colonialidade (de gênero, de raça, de epistemologias), denunciando a violência patriarcal, “devolvendo os golpes” sofridos pelos corpos femininos e “consentindo todas as formas de amores”, seja lésbico, transexual...

A voz afroqueer de Yolanda Arroyo ao romper com os binarismos e hierarquias de gênero traduz em poesia as discussões teóricas de outras feministas como Gunn Allen, Oyèrónké Oyěwùmí, Maria Lugones, que revelam o opressivo sistema de gênero imposto à sociedade iorubá e a outras comunidades originárias e afro-diaspóricas. A escritora portoriquenha colabora, assim, na construção de rotas alternativas de um feminismo amefricano e queer, emergente em Abya Ayala, e sintetiza a amefricanidade que perpassa os artigos presentes neste dossiê, frutos da fonte de vida referente ao poder de Iemanjá no trânsito transatlântico de vozes colaboradoras de três continentes. Participam do dossiê membros de dois grupos de pesquisa, o *Groupe de Recherche et d'Etudes sur les Noir.e.s d'Amérique Latine* (GRENAL-Axe Langages et Identités, CRESEM), da Université de Perpignan, na França e o Grupo *Feminismos e decolonialidade*, vinculado à linha de pesquisa Estudos decoloniais e feministas, do PPGL, na Universidade Federal da Paraíba, no Brasil, além de pesquisadoras e ativistas feministas convidadas.

Os textos apresentados a seguir são oriundos de eventos acadêmicos organizados pelos grupos de pesquisa mencionados, em 2022 e 2023, durante estágio pós-doutoral das docentes da linha de pesquisa Estudos Decoloniais e Feministas do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. Segue o relato do coordenador do GRENAL, professor Victorien Lavou, sobre o Seminário de pesquisa “**Féminismes et décolonialité : Amérique Latine et Afrique**”, realizado na Université de Perpignan, durante os dias 30 e 31 de março de 2023, mês escolhido por celebrar internacionalmente as lutas das mulheres, no dia 08, e as lutas contra a discriminação racial, no dia 21.

Seminário de pesquisa *Féminismes et décolonialité : Amérique Latine et Afrique*

Mesmo que a minha colega professora Luciana Calado Deplagne prefira não precisar alguns detalhes, atrevo-me a dizer e reconheço que a iniciativa destas duas jornadas de estudo foi sobretudo dela. Ela teve a ideia geral e, após entrar em contato

comigo, acertamos juntos a organização. Minha colega, em nome de seu grupo da linha de pesquisa “Estudos Decoloniais e Feministas” - do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (Brasil) e eu em nome do Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Negros na América Latina (GRENAL) da linha de pesquisa Linguagens e Identidades, (CRESEM) da Universidade de Perpignan (França). Em conjunto, discutimos o tema geral que foi posteriormente objecto das intervenções das várias colegas convidadas, doutoras e doutorandas, bem como dos debates acolhidos neste Seminário. Cada um/a de nós ficou responsável por convidar pesquisadoras de nossa equipe e demais colegas interessadas no tema. O que fiz por minha parte, convidei para esta atividade científica *ekobias* e apoiadoras do GRENAL e, posteriormente, no âmbito da publicação dos Anais deste Seminário, uma reconhecida especialista no assunto, no caso a Professora Michèle Soriano, da Universidade de Toulouse. Da minha parte, associei *ekobias* e apoiadoras do GRENAL: Chantal Allela-Kwevi Kayissa da Universidade Omar Bongo (UOB, Libreville, Gabão), Zaira Rivera Casellas da Universidade de Porto Rico (Río Piedras), Clémentine Ngo Mbeb, da Universidade de Maroua (Camarões), Sara Candela Montoya, da Universidade de Perpignan Via Domitia. Em seguida, para a publicação dos Anais do Seminário, convidei uma renomada especialista dos feminismos decoloniais, a professora Michèle Soriano, da Universidade Jean-Jaurès, em Toulouse. Da parte das colegas brasileiras do Grupo Feminismos e Descolonialidade, estiveram entre as participantes Francielle Suênia da Silva, Déborah Alves Miranda, Macksa Raquel Gomes Soares, Maysa Morais da Silva Vieira, Taciana Ferreira Soares e Zuila Kelly Fernandes de Araújo.

O Seminário ocorreu em dois dias e foi organizado em quatro sessões intituladas “Identidade queer”, “Escritos de resistência”, “Afrofeminismo, ancestralidade e memória”, “Literatura latino-americana e perspectivas decoloniais”.

Sentimo-nos honrados por ver o nosso projecto científico duplamente bem sucedido, e gostaríamos de agradecer às convidadas que tiveram a amabilidade de expor durante estas duas jornadas, ao público que nos acompanhou, também ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba que aceitou acolher este dossiê com os textos das palestras, reunidos nesta edição especial da Revista *Ártemis*. Esperamos que seja recebido favoravelmente pelos, pelas nossos, nossas colegas da Academia, mas também por outros públicos.

Após as palavras de boas-vindas pronunciadas por nós da Comissão organizadora, a escritora ativista afro-colombiana, Karina Rivas Oshun, inaugurou a primeira jornada do Seminário com uma notável performance, sensível e política ao mesmo tempo. Para este dossiê, ela concordou em conceder uma entrevista a Maria Lucia Lopes de Oliveira, que é Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba e também ativista feminista, atualmente residente em Liechtenstein, colaboradora na Universidade Livre Feminista Antirracista e coordenadora do Blog Terra Literária: <https://terraliteraria.com>.

Yolanda Arroyo Pizarro, escritora afrofeminista, intelectual negra de Porto Rico e destacada ativista junto às comunidades LGBTQIA+, literalmente nos cativou, nos eletrizou e nos emocionou durante o encerramento do Seminário com uma leitura

performática de alguns de seus escritos e poemas. Guardamos todos e todas nós lembranças inesquecíveis desse momento. Para esta edição, ela optou por nos entregar um de seus contos inéditos.

A obra de Yolanda Pizarro é objeto de análise dos dois primeiros artigos do dossiê. No primeiro artigo, a professora Chantal Allela-Kwevi Kayissa da Universidade Omar Bongo (UOB, Libreville, Gabão) centra-se na questão da “subalternidade de gênero” através de três autoras, Chimamanda Ngozi Adichie, Sylvie Akiguet Bakong e Yolanda Arroyo Pizarro. Para a pesquisadora, a subalternidade, como aponta Sandrine Bertrand (2012:85), “é a relação de dominação que existe entre os indivíduos como as relações de gênero, mulher/homem, classe, proletário/burguês, e comunidade, negro/branco”². Essas três autoras, em particular, tentam, através dos seus escritos, marcar a ruptura com a escravatura, os sistemas patriarcais, as consequências das políticas e economias coloniais, pós-coloniais e, hoje, neoliberais sobre as mulheres e, acima de tudo, realçar as necessidades das mulheres em termos de condições de vida dignas em termos de direitos humanos e morais. Esta parece ser a principal preocupação do pensamento feminista decolonial, particularmente na África negra.

A professora Zaira Rivera Casellas, da Universidade de Porto Rico, Río Piedras, analisa em seu artigo sua comunicação os romances *Caparazones* y *Violeta* para examinar os temas centrais da escrita lésbica de Yolanda Arroyo Pizarro. A análise destes textos revela uma genealogia específica da práxis política do autor relativa às questões do sexismo, da homofobia e do racismo. Além disso, esta práxis baseia-se nas experiências das mulheres afro-caribenhas e afro-latino-americanas da sua geração.

No terceiro artigo, a professora Michèle Soriano da Universidade Jean-Jaurès de Toulouse (França) centra-se no “fábrica dos selvagens” através da escrita da escritora argentina Angélica Gorodischer. Aliás, numa situação atual marcada por discursos racistas que legitimam a violência e os assassinatos de que são vítimas as pessoas racializadas, um retorno à construção dos “selvagens” durante a empreitada colonial parece (mais uma vez) oportuno. A análise do discurso literário feminista e decolonial da escritora argentina permite questionar a opressão epistêmica e o olhar que a acompanha, em determinados contextos de fabricação de “selvagens”. Os dispositivos discursivos e ópticos postos em prática durante a invasão europeia dos territórios de Abya Yala ainda estão presentes nas nossas práticas culturais atuais? Além disso, Michèle Soriano questiona as nossas responsabilidades como investigadores, investigadoras face a estes dispositivos e às práticas sociais genocidas que a sua perpetuação autoriza.

Partindo de uma abordagem interseccional, a Doutora Clémentine Ngo Mbeb, da Universidade de Maroua (Camarões), destaca, através de *La Mucama de Omicunlé* de Rita Indiana Hernández, as injustiças sofridas pelas pessoas queer em sociedades heteropatriarcais, bem como estratégias para superá-las.

² BERTRAND, Sandrine (2012) « Les représentations de la ligne de couleur, du genre et de la subalternité dans les romans de l’Océan Indien et Antillais », *Les écrits contemporains de femmes de l’Océan Indien et des Caraïbes. Les Cahiers du GRELCEF*, https://www.uwo.ca/french/grelcef/2012/cgrelcef_03_texto7_bertrand.pdf, consulté le 15/03/2023.

A doutora Sara Candela Montoya, da Universidade de Perpignan via domitia, oferece uma leitura crítica da representação das mulheres negras racializadas como figuras de exclusão por Gabriel García Márquez. Esta análise centra-se nas personagens secundárias que aparecem nos contos do escritor colombiano, bem como nos seus romances mais conhecidos e populares, a saber: *Cien años de soledad* (1967), *Amor en tiempos de cólera* (1985), *El amor e outros demônios* (1994), *Memórias de mis putas tristes* (2004).

V Jornada Gênero e Literatura

Os artigos seguintes foram apresentados na quinta edição da Jornada de Estudos de Gênero e Literatura, que decorreu na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, em 2022. Este evento foi uma iniciativa do Grupo Feminismos e Descolonialidade, no âmbito dos estágios de pós-doutoramento das professoras do grupo: Luciana Calado Deplagne (na Universidade de Potiers/França), Ana Marinho Lúcio (Universidade Nova de Lisboa/Portugal) e Liane Schneider (Universidade Federal de Santa Catarina/Brasil). Na ocasião, as pesquisadoras partilharam com colegas de Portugal, França e Brasil, reflexões sobre as suas últimas pesquisas situadas nas perspectivas do feminismo decolonial.

Professora Liane Schneider analisa dois romances brasileiros contemporâneos – *Mulheres empilhadas* (2019), de Patrícia Melo e *Suíte Tóquio* (2020), de Giovana Madalosso, que tratam de várias violências de gênero. O artigo tem como foco verificar de que forma o afastamento da vida urbana, do trabalho e as organizações capitalistas e a vivência com os elementos sagrados dos povos originários na região Norte do Brasil, em especial os rituais com o chá sagrado, o Ayahuasca, levam as protagonistas dos romances a conseguirem uma conscientização que permite tratar de certos fatos que não conseguiam em suas culturas de origem, em São Paulo.

A última contribuição do dossiê é de autoria da professora Ana Marinho Lúcio e propõe uma cartografia da cidade de João Pessoa, o ponto mais oriental de Abya Ayla, através da memória de mulheres. A proposta é de perceber as cidades como lugares-arquivos, em que as memórias de trauma, de violências se misturam às memórias de resistência. Esta pesquisa nasceu da observação de vestígios de violência na estátua de Iemanjá, situada em uma praça da cidade, exatamente no ponto mais oriental do continente. A estátua, decepada e decapitada por fundamentalistas religiosos em 2016, representa um território de disputas, com marcas coloniais de opressão e decoloniais, de espiritualidades, culturas e epistemologias afrodiáspóricas que resistem.

Finalizamos, assim, a apresentação do dossiê, reconectando a ancestralidade da simbologia de Iemanjá, com lugares de resistência nas culturas diáspóricas que se encontram na consciência da amefricanidade. Pensando com Lélia Gonzalez (2020, p. 135) essa categoria política e cultural, como “um processo histórico de intensa

dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentada”

As contribuições das pesquisadoras, escritoras e ativistas reunidas neste dossiê da revista *Ártemis* são um convite à descoberta das águas renovadas do Atlântico, capazes de unir passado, presente e futuro em um tempo espiralar, bem como as culturas dos continentes por elas banhados: África, Europa e Améfrica Ladine, como a síntese que nos fala Beatriz Nascimento, no início do documentário *Orí* (1989)³: “A terra é circular. O sol é um disco. Onde está a dialética? No mar. Atlântico-mãe!”

Que o acordo de cooperação internacional entre o Grupo Feminismos e Decolonialidade, da Universidade Federal da Paraíba e o Groupe de Recherche et d’Etudes sur les Noir.e.s d’Amérique Latine, da Universidade de Perpignan, que foi firmado neste ano, frutifique nos próximos cinco anos com muito Axé e muitas travessias!

³ ORÍ. Produção de Raquel Gerber. São Paulo: Angra Filmes, 1989. 1 vídeo (131 min). Relançado em 2009, em formato digital.